

ESBÔÇO SINTÉTICO DO MOVIMENTO ROMÂNTICO
BRASILEIRO

Clovis Bevilacqua

THE UNIVERSITY OF CHICAGO
PRESS

1

Antes de entrar definitivamente no assunto que constitue o objeto deste estudo (1). e para melhor compreensão dele, tentarei descrever, em traços largos, a origem e desenvolvimento que teve, na Europa, essa brilhante revolta literaria conhecida pelo nome de romantismo. Semelhante recordação no portico deste acanhado edificio, se pode passar por um aleijão arquitetônico tem o valor inestimável de afirmar, desde logo, que o romantismo foi transportado, para o Brasil, artificialmente, por mero espirito de imitação, por uma questão de moda, como tem acontecido com todas as inovações científicas ou meramente literarias que conseguiram transpor a muralha chinesa, já hoje escalada em muitos pontos, diga-se de passagem, que nos segrega do movimento do século. Mesmo na politica, não é sabido que as novidades, as reformas, como as ideias e os projetos, nos entram pela porta enfiados, depois de haverem dormido no bojo dos navios das linhas transatlânticas e dos umidos armazens das aduanas?

Esta importancia do romantismo havia de, ao contrario de outros, infiltrar-se em nosso organismo para arrancar-nos produções de caráter original e proprio, e tambem

um pouco para nos deixar os germens pertinazes de uma sensibilidade afetada nas obras de melhor poesia. Mas estas considerações se enquadrarão mais naturalmente em outra ocasião. Neste momento cumpre acompanhar o movimento romantico na Europa.

A ação atrofiante da realeza absoluta e do catolicismo em seu periodo de decadencia, favorecida pela ausência de um critério na compreensão dos fatos historicos, havia embotado a consciencia dos povos, a ponto de abliterar-lhes a memoria das correntes tradicionais que os ligavam á idade média, isto é, ao espantar da vida individual de todos eles. Esse periodo da evolução do espirito humano foi caluniado e mal compreendido por causa da confusão que apresentava, á primeira vista, resultante da ação simultanea de composição e decomposição sociais nele operadas. Entretanto, depois da moderna organização do estudo da história fez-se-lhe inteira justiça, considerando-o um estadio obscuro, sim, mas prolifico e de grande importancia para a civilização humana.

Aos olhos da critica revolucionaria e metafisica, a evolução do pensamento e das instituições fazia um hiato na idade média, deixando-a de lado, para ligar a antiguidade aos tempos modernos. Estagnou-se a arte na imitação dos mumificados tipos gregos e romanos, formularam-se regras para sopitar o impeto das inteligencias mais intrepidas, matou-se a espontaneidade do sentimento estético.

O romantismo é a revolta contra essa esmagadora ordem de coisas, por meio da proclamação da liberdade na arte, é pela revivescencia das tradições nacionais vistas á luz crepuscular da idealização. Não discutirei todas as teorias inventadas para explicar essa transformação das velhas normas literarias. Olhando os estimulos diversos que a tornaram possivel nos paises europeus, os criticos se julgaram autorizados a criar não sei quantas teorias. Silvio Romero as rejeita uma por uma e, por sua vez, apresenta a que mais se conforma com suas doutrinas so-

bre a arte. "O romantismo, diz ele, foi uma mudança de método na literatura: foi a introdução do principio da relatividade nas produções mentais; foi o constante apelo da vida poetica e artistica. Daí a liberdade, a generalidade de suas criações; ele descentralizou a literatura; nacionalizou-a nuns pontos, providencializou-a noutros, individualizou-a quase por toda a parte (2). "Este conceito é bastante complexo e demasiadamente amplo para abranger o que adotei; é talvez largo demais para conter somente o periodo romantico. Mantenho, por isso, o modo de pensar que acima externei sobre o romantismo: e, para que o falar em idade média não vá desnortear os criticos, apresso-me a repetir que o faço, só por ter sido essa a época da formação das nacionalidades modernas, porque as lendas e as tradições primevas dos povos tiveram sempre uma ação poderosa sobre as almas sensiveis, se é que não sobre todas.

Não falando dos grandes poetas como Dante. Lope de Vega, Shakespeare, dos trovadores, que se haviam subtraído ás tacanhas regrinhas do poento classicismo, a primeira manifestação romantica, inconsciente e descontinuada, foi a que surgiu com a direção dada aos espiritos por Montesquieu, Rosseau e Diderot, a qual, tomando uma acentuação de mais a mais politica, resolveu-se afinal na revolução francesa, essa enorme avalanche que rasgou horizontes completamente novos aos espiritos, que largos anos de pesada servidão haviam amesquinhado, estiolando a vida intelectual e sentimental, imbecilizando de todo quase. É á essa manifestação prodromica da transformação romantica que o douto Gervinus denomina de romantismo inconsciente, e Th. Braga prefere chamar — "proto romantismo".

É, porém, d'Alemanha, onde o rico manancial das tradições nacionais fôra descoberto e conservado por um prodigioso trabalho de erudição, é d'Alemanha que parte o movimento consciente e disciplinado, ao impulso de

o movimento consciente e disciplinado, ao impulso de Lessing, Goethe, Schiller e outros muitos, entre os quais é preciso lembrar os dois irmãos, poetas, filólogos e historiadores, Jacques e Guilherme Grimm. Do esforço desses grandes homens ergeu-se uma literatura vigorosa e independente, traduzindo fielmente as inspirações do sentimento nacional, que se emancipara. Vieram Ruckert, o poeta orientalista, Uhland, o cantor das dores placidas e da suadade. Heine, o trocista que satura a nota do motejo com a unidade das lágrimas e toda uma legião de artistas inebriados de sentimento, fazendo, ao gemer das estrofes, a escalada alegre dos novos ideais.

A Inglaterra era, na Europa, o outro país preparado para receber a ação do romantismo, porque era o povo mais possuído de si mesmo, e que, em suas instituições contava, com maiores garantias de liberdade, além de ser opulento em lendas e trovas que o povo ouvia comovido e orgulhoso.

Já com Shakespeare, o criador do moderno dramatizar, as produções literárias se haviam afastado dos moldes gregos; portanto, quando Walter Scott desencavou e expôs á luz as crônicas escocesas, apenas acentuou o movimento que vinha de longe.

Em Byron, a direção é outra; é a reação irreverente contra o despotismo das leis e dos costumes, é o rompimento com as normas da moral e com todas as cadeias com que a sociedade procura subjugar a animalidade humana. Estes dois grandes nomes caracterizam bem as duas feições predominantes do romantismo: — a idealização do nacionalismo e a idealização da liberdade. Dickens, Moore, Tennyson e mil outros bons espiritos em que a Grã-Bretanha colheu mésse abundante, não abriram outros caminhos. E a poesia romantica inglesa foi das mais vicejantes.

Essa assombrosa torrente revolucionaria foi trazida, para a França, por Mme. de Stael, em seu livro "Del'-

Allemagne", e por Chateaubriand, apesar de se poder dizer que era um tanto falsa a compreensão que desse fenomeno formava o valente pensador do "Genie du Christianisme", de "Atalae" dos "Natchez".

Preparado o terreno por estes iniciadores, apareceram, então, as "Meditações", de Lamartine, que com as "Harmonias", são as unicas produções poeticas deste autor respeitadas pelo extraordinario critico dos "Portraits Literaires", o atico G. Planche.

Depois apareceram as "Odes" de Hugo. Este homem superior, pela pujança de seu genio e por sua infatigavel atividade literaria, conseguiu pôr-se á frente duma esplendida falange de estrenuos lutadores, entre os quais avultam, Th. Gauthier, lapidario do etilo e idolatra da forma, Dumas, "un colosse d'or et d'airain, aux pieds d'argile", Alfred de Musset, o cantor genial de "Roia" e das "Noites", e George Sand, a grande romancista que teve por discipulo um gigante, o russo Turgueneuff.

Foi renhida, mas cheia de gloria, pelo fogoso entusiasmo que iniciava á mocidade, a luta que se travou, então, na França.

A impotencia enraivecida dos classicos levou-os a dizer que o "romantismo não era um ridiculo, mas uma doença" e mesmo chegou a pedir o banimento dos sectarios da nova escola. Ainda aqui, vê-se, a revolução das idéias não pudera produzir-se sem a dilaceração de que fala Spencer.

Na Italia, o romantismo, em todas as suas formas desde a cristã (Manzoni) até a satanica (Leopardi, achase imbuido de um poderoso sentimento nacionalista. Basta, lembrar Sylvio Pellico, tão conhecido por suas "Prisões" e seu companheiro de carcere, Pietro Maroncelli, entre muitos outros, como eles poetas, ao mesmo tempo que patriotas por se haverem comprometido em sociedades secretas que promoviam a emancipação da Italia. Dois homens encontro, ainda, na Italia desse tempo, que sobres-

saem aureolados pelo vigor do talento poetico e pelo amor da liberdade. São os de Giusti e de Guerrazzi.

Giusti e de Guerrazzi.

Giusti por suas proprias palavras nos indica sua ação como poeta. "lo scrivendo, come ho scritto, non ho inventato nulla, e son si ho messo di mio altro che il vestito: l'ossa e le polpe me le ha date la nazione medesima: e pensando e scrivendo non ho fatto altro che farmi interprete degli sdegni e delle speranze che mi fremevano intorno" (3).

O infeliz Guerrazi amou apaixonadamente a poesia e a liberdade e foi um inimigo terrivel de todas as tiranias desde as principes até a dos padres. Seus livros são batalhas, seus escritos agonias, di-lo com arroubo o poeta, no "Assedie de Firenze".

Na Russia, o romantismo encontrou os espiritos mal preparados. A vida mental desse grande povo ensaiava os primeiros passos sob a direção dos alemães.

O romantismo, no grande império dos tzares, só tem um nome glorioso, o de Puchkine. Jukowsky, que o precedeu e que lhe sobreviveu, "é um desses espiritos timidos que nascem e morrem satélites". Puchkine foi um discipulo de Byron e de Voltaire, mas os eslavófilos o consideram como "o evocador da alma russa", diz Vogué. Que importa que a casca literaria fosse o romantismo dos occidentais, se a alma que o animava era genuinamente russa? Griboeidef e Lormontof passam pela vida como as rosas da chapa retórica, repletos de Byron, como Alvares de Azevedo, e morrendo, um aos trinta e quatro e o outro aos vinte e seis anos. Gogol já pertence á outra época. Se "Tarras Bulba" é ainda uma epopéia romantica, se os "Serões na herdade" desenham ainda os tons fantasticos da credence popular, um pouco romanticamente, como, guardadas as proporções devidas, as "Cenas populares" do nosso Juvenal Galeno, é certo que o "Manto", o "Revisor"

e as "Almas mortas" são de um naturalismo superior e pungente.

E é como o naturalismo que melhor se acentua a nacionalização do romance na Rússia. Turgueneff, o colorista inimitável do "Ninho dos senhores". Dostofevky, Tolstoi, são naturalistas, mas, acima de tudo, são russos, como o bom Nicolau Gogol.

Da Polónia não devo citar mais que um nome, mas esse encherá toda uma época. É o de Adão Mickiewios.

Em Portugal essa nova orientação das literaturas foi introduzida por Almeida Garret, com o seu "Camões", aparecido, em Paris, no ano de 1825, Garrett, fugindo ás perseguições do despotismo de D. João VI, foi assistir na Inglaterra e na França, á renovação literaria por que estavam passando esses países, e, levado pela corrente, alistou-se sob a bandeira dos novos lutadores, embora fazendo sempre algumas concessões meticulosas ao espirito revezo do classicismo. Em 1829, era Alexandre Herculano quem emigrava, e foi ele o segundo romantico apreciavel de nossa antiga metropole. É mesmo a figura mais saliente do romantismo português a deste simpatico escritor. Enquanto Almeida Garrett, por uma intuição surpreendente, procurava apanhar a alma de sua nação nas trovas populares nas chacaras anonimas, Herculano encontrava-a na historia das origens desconhecidas do reino e nas cronicas antiquadas dos séculos passados. Esta feição erudita do romantismo de Herculano não o afasta dos sentimentos do povo, esua influencia, sobre as letras portuguesas e brasileiras, foi das mais beneficas.

O fato de serem dois emigrados os introdutores das novas idéias não deve passar desapercibido. Bem claro demonstra ele não ter ainda o país atingido, pela evolução natural, o momento historico que determinara nos outros povos, o fato do romantismo. A imitação que se tornaria vezo inveterado, era uma das causas determinantes do retardamento evolutivo do espirito português, viera a-

gora auxiliar suas forças naturais, trazendo-lhe de fora essa transformação literaria (4).

Depois destes, o romantismo português, de maior vulto é Castilho o cego, de influencia, aliás, antes nociva que favoravel ao desenvolvimento intelectual. Castilho foi um classico, mesmo no tempo da maior efervecencia romantica. Nunca se alteou em empreendimentos de alcance, applicando o melhor de sua atividade em frioleiras, em traduções parafrásticas, na questão dos versos com letra minuscula e outras nugas, não sei qual delas menos valiosa. No entanto, pela correção da linguagem, pela classica da intelligencia, pela produtividade, embora mediocre qualitativamente, tornou-se um chefe de escola, agremiou certo grupo de literatos reinicolas.

Quanto a Rebelo da Silva, Mendes Leal, João de Lemos, João Penha, Soares Passos, Tomaz Ribeiro, Camilo Castelo Branco, Pinheiro Chagas e ainda outros, pouca ascendencia exerceram sobre sua época, mesmo no estreito circulo da vida mental portuguesa. De todos eles podem ser destacados João de Lemos, João Penha e Camilo, cuja ação sobre o estilo dos novos é sensível. Pinheiro Chagas trabalha ainda hoje com vigor juvenil e, se não é dos mais influentes, é dos mais operosos. Não falarei de Gonçalves Crespo. E duas razões tenho para isso. A primeira é que embora vivendo em Portugal, Gonçalves Crespo, era um místico de temperamento meridional, um brasileiro. A segunda é que suas trovas lapidadas, de um primor de forma superior a tudo que se escreveu no velho reino, o colocam, de justiça, entre os parnasianos.

Esses nomes, creio, resumem todas as "nuances" do romantismo português. O romance e a poesia tomaram depois outra direção, surgiram outros nomes.

Se depois desta rapida revista do movimento romantico europeu, voltarmos os olhos para a América, se nos antolharão certamente as mesmas tendencias. Não me deterei, se não um momento, perante a opulenta literatu-

ra dos Estados Unidos americanos. Quem ler as novelas sombrias e bizarras de Edgard Poe, Fenimore Cooper, e, sobretudo, as belas paginas de William Cullen Bryant e as notas plangentes de um lirismo admiravelmente cativante de Henry Wadsworth Longfellow, não poderá desconhecer que tambem ali a idealização das lendas nativas, das tradições populares e do sentimento da liberdade eram as notas fundamentais do romantismo.

Depois da queda do classicismo, o movimento romantico, que era uma reação, agitou-se no vácuo.

Assistiu-se, então, ao deploravel fenomeno de um esgotamento de energias em pura perda, do despendio de talento em banalidades. Caiu-se na mania das elegias, na "sensibiere"; exagerou-se ao lado pessoal da poesia byroniana; e, o que é pior, reduziu-se o romance á exploração mercantil com Dumas pai, Ponson e consócios. Era o periodo de decadencia, a dissolução que chegara ao romantismo. De suas ruinas brotou a escola realista, ainda tão mal compreendida por uns, tão invetivada por outros e por alguns tão exagerada.

O romantismo, pois, nada edificou, podemos dizer em conclusão. Representou, no campo da imaginação, o que a monarquia constitucional representa na politica ou, com mais propriedade, o que representa a metafisica na na ordem filosófica, — uma fase transitória, exercendo sôbre os espiritos uma ação negativa indispensavel para o aplainamento do terreno, onde vai se estabelecer um estado de coisas definitivo, e que não quer dizer que não seja suscetivel de um progresso constante. É essa a mesma idéia de Edmond Scherer quando diz que o romantismo nos deu o lugar e a liberdade de termos uma literatura e não uma literatura propriamente dita.

Da dissolução romantica brotara a poesia socialista, a parnasiana, a scientifica, como é hoje compreendida, e o **romance naturalista**. Mal acentuados ainda estão êsses modos de manifestarem-se as fôrças sentimentais e inte-

letivas. E nem podera deixar de ser assim como a flutuação mental eem que oscila a sociedade moderna, mas o que pode afirmar é que essas épocas amoldando-se á feição predominante da época — a positivação do saber e dos sentimentos humanos — procuram sujeitar o romance e a poesia a um método rigoroso, e essa tendência só por si bastante, penso eu, para não descrermos de seus prometimentos.

Principalmente o romance moderno já nos tem dado um grande numero de obras superiores que é licito apresenta-lo como um territorio conquistado pelos novos processos.

O naturalismo francês procede, de um lado, de Balzac, que foi o primeiro a afirmar a ação do meio sôbre o personagem e a trazer para o romance os métodos de observação e experiencia(5), e, por outro lado, filia-se a Stendhal, o admiravel psicologo de "le Rouge et le noir", recebendo uma orientação mais disciplinada em Flaubert, o inimitável autor de "Mme. Bovary" "esse tipo do romance naturalista", na frase de um critico, e nos outros pintores da fisio-psicologia humana, — Zola, Maupassant, os dois Goncourt, Daudet, Hector Mallot, Fabre, Huysmans.

A poesia científica não alcançou uma convergência de vistas bem determinada para poder imprimir aos espiritos uma direção. Entretanto, se lembrarmos os nomes de Ackermann, Stupuy, Sully, Prudhomme, Léfèvre, Berthésène e, entre nós, Teixeira de Souza e Martins Junior, ver-se á que não foi balda de boas produções a nova escola poetica. (6).

A poesia socialista, assim como a parnasiana que se prende a Th. Gautier e Lecomte de Lisle, não foi menos cultivada e, deve ser reconhecido, exercendo ambas mais profunda infulencia sôbre as letras brasileiras.

Falei do naturalismo francês em primeiro lugar por ser êle o que mais de perto nos interessa, sendo sua ação

quase sem competência sôbre os romancistas pátrios.

Mas, se foi na França que a nova escola atingiu ao maior rigor de método não foi aí que ela primeiro surgiu em substituição ás desacreditadas engrenagens do romantismo.

Na Russia, o chamado "romance natural" foi escrito antes mesmo de Flaubert. Estudando as obras de Nicolau Gogol diz Dupuy: "Eis um realismo anterior ao nosso e, permitam-me dizê-lo, muito superior". (7) Não direi que haja razão em classificar o "romance natural" como superior ao que se tem escrito em França, mas é incontestável que em outros horizontes o sol da arte jorrava a mesma luz. Na Inglaterra também o naturalismo de George Eliot brotou espontaneamente das concepções de Richardson, Dickens e Thackeray, sem que houvesse mister de ação estranha. E, quer na Russia, quer na Inglaterra, o naturalismo conserva um tipo, uma feição própria, que se não confunde com essa tonalidade de epopéia áspera e triste, embora grandiosa, dos romances de Emilio Zola.

II

As literaturas são manifestações sentimentais e intellectuais dos povos, abrolhando espontaneamente, irrompendo como forças vivas.

Os povos, as nações, se constituem pelas identidades de raça, de território, de tradições, de interesse, etc. Sua maior consistência dependerá do maior numero dessas condições que reunir, sendo elas os fatores primordiais na constituição das nacionalidades.

A aplicação das atividades, das forças individuais, os produtos da inteligência e do sentimento não podem fugir á ação desses elementos que lhes são fôrça sugestiva, diretora e transformadora.

Há, pois, indeclinável necessidade de estudá-los quando se quer apanhar o carater essencial que individua

cada literatura, grande esforço de inteligência para perceber que uma literatura só pode ser bem compreendida quando estudada á luz do critério das origens étnicas, quando estabelecido o modo porque sôbre elas atuaram as influências do meio cósmico, das instituições, dos costumes, da educação, etc.

Este capítulo pretende, num rápido e descorado esboço, palidamente refletir êsse método.

Nós os brasileiros somos o fruto do cruzamento de três raças — a branca, a negra e a americana. Do conflito vital travado entre elas surgiu vencedora a branca, que para a luta entrara revestida de melhores armas.

É um fato averiguado diversas vezes no longo percurso da história que os povos de mais elevada civilização, sempre que estão em contacto íntimo com os outros mais atrasados, impõem-lhes, forçosamente, suas crenças, seus costumes, seus vícios, suas tradições e acreditamos que até certos caracteres morfológicos mais superficiais. É tão fatal essa lei que se verifica mesmo quando o povo mais culto é materialmente vencido, se os seus interesses se chocam. Quando, porém, o vencido é o povo inferior, ou assimila a civilização do vencedor ou é completamente aniquilado.

Não pode esquivar-se ao rigor da lei formulada por Gazelles na estreiteza de uma concisão incisiva, esmagadora: — adaptação ou morte.

Citarei êsse chamado fenômeno de teratologia sociológica, a invasão dos bárbaros, por muito conhecido, e por se estar passando sob nossos olhos, o desaparecimento da raça australiana perante a invasão inglesa, que de tão rápido, "em cem anos vai torna-la uma curiosidade etnográfica" segundo nos diz Hovelacque (8).

Foi o que aconteceu com o indígena brasileiro.

As inumeras tribus selvagens que povoavam o extensíssimo território onde se assenta hoje o império Sul-Americano e cujo autoctonismo não vem ao caso discutir ago-

ra, jaziam ainda num grosseiro fetichismo rudimentar que as tornavam incapazes de compreender as abstrações de teologismo monoteico das prédicas jesuíticas.

Os padres da Companhia de Jesus, que desde 1549 começaram a aportar ás plagas brasileiras, em sua insistência fanática, embora muitas vezes bem intencionados, na conversão do selvagem á fé católica, foram os fatores do atrofiamento do espirito brasileiro, da quase anulação de nosso caráter próprio por uma deprimente ação inicial.

Devemos ao jesuita a primeira instrução que recebeu o Brasil-Colônia, mas não será ingratidão dizer que, como nosso educador, foi-nos êle mais um mal que um bem.

O selvagem brasileiro jazia num grau de civilização muito inferior ao em que se achavam os invasores portugueses, — era feitichista astrólata e ia atravessando a idade da pedra. Os colonizadores, ignorantes da grandiosa lei sociológica que descreve a trajetória do espirito humano — a evolução — impunham-lhe idéias, para êle abstrusas, incompreensíveis.

De tudo isso resultou o ser minima a contribuição do elemento indigena para formação posterior do caráter brasileiro.

O outro elemento técnico, e êste quase sempre deslembrado, é o negro, vindo em ultimo lugar e, como o indio, feitichista.

Tratado como besta de carga, numa lastimosa abjeção moral, morrendo ao látigo do senhor avarento e cruel, seu contacto com a nossa sociedade foi também uma causa de retrogradamento intelectual.

Infeliz sina desta raça!

Até na literatura a quiseram tratar como eterna subordinada, a vil escrava de todos os tempos que não devia ser levada em conta. Só depois dos eruditos estudos de Celso de Magalhães e Silvio Romero é que começou a ser considerado êsse fator de nossa civilização. Entre os grandes serviços que tem prestado á literatura brasileira a in-

signe critico sergipano, não é dos menores êste, sem duvida, porque derramou imensa caridade sôbre a constituição de nossa "Volkerpsychologie".

Peço vênia para o germanismo, mas se nós dizemos "Folcrore", porque não havemos de dizer "Volkespsychologie?"

E, voltando ao assunto, a raça preta contribuiu mais poderosamente que a indigena para formação do brasileiro. Se em algumas provincias do norte, como o Ceará, o Pará e o Amazonas (9) o elemento indigena preponderara, é certo que em todo o resto do império sobrepujam á raça indigena as duas alienigenas, branca e negra.

Quanto ao portugûes basta dizer que vinha ao Brasil degradado ou a buscar fortuna — aventureiro ou calceta.

Era esta, pelo menos, a regra dominante. Mesmo o governo portugûes, preocupado com as Indias, descuroou-se de estabelecer uma corrente de emigração sadia e forte para a America, e as terras banhadas pelo Indico absorviam a elite da mocidade portugûesa.

Ainda no óvulo tinhamos o germe da degenerência.

Assim fica estabelecido que o brasileiro não é o indio como se afigurou a muita gente, nem o portugûes, como quis insinuar uma reacção inconsciente partida de além-mar e largamenteee espraçada aqui. É sim a resultante da combinação dêsses três fatores, cujas melhores disposições foram desviadas, pelas circunstancias expostas, no conflito da concorrência.

As consequências necessárias da mestiçagem, operada da forma que ai fica indicada e auxiliada poderosamente pelas influções climatológicas, são essa impressionalidade exaltada, essa valentia e fecundidade imaginativa de que são dotados os brasileiros, além da frouxidão de caráter, debilitamento moral e físico e uma indolência detestável.

Ainda a forma variada e composta do caráter brasi-

leiro não está suficientemente acentuada, porque os elementos produtores do genuíno brasileiro ainda não se reuniram em uma combinação tal que anulassem suas individualidades próprias em favor de uma individualidade nova surgida da imistão.

Nem é de esperar que algum dia se determine, se acentue de um modo saliente, palpável ao primeiro toque, por assim dizer, porque, como diz o sr. Bagehot (10), "os caracteres nacionais bem determinados remontam a uma época de disciplina rígida e universal (Romanos e Sparcistas). Nos tempos modernos, em que a sociedade é mais tolerante, os novos caracteres nacionais não são nem tão fortes, nem tão acentuados, nem tão uniformes". Além destas, outras razões militam contra a segurança e estreita ligação desse conjunto de costumes, de vezos inveterados, de tendências predeterminadas que constituem o nosso caráter nacional, mas, pelo que vai espontando dessa custosa elaboração etnogênica, pôde-se determiná-lo, como acabo de fazê-lo.

Para comprovação desse modo de pensar, aí estão no mundo literário, a que propositadamente me circunscrevo as largas criações de um lirismo exuberante e muitas vezes vigoroso; o amor da retórica espetaculosa e banal; a quase nulidade dos produtos científicos ou pelo menos de verdadeira utilidade, sendo de notar que o amor das frioleiras aparatosas e do romanesco parecem principalmente um sedimento que nos ficou do caráter do índio, este grande amador da palavra, o qual, por hereditariedade, se vai transmitindo através das gerações (11).

Para conhecer as saliências de nosso caráter nacional, há aí uma bela fonte de estudo — a poesia popular. É nessas expansões sentimentais sem falsias, sem preocupações retóricas para produzir efeito, cujo único intento é traduzir sinceramente o sentimento franco e rude que agita o largo coração valente do povo, que o crítico pode ver a olho nu a alma de uma nação.

A nossa poesia popular foi estudada principalmente por Celso de Magalhães (Trabalho — 1873), José de Alencar (O nosso cancionero — Globo — 1874), J. A. de Freitas (Lirismo Brasileiro — 1877) Silvio Romero (Estudos sôbre a poesia popular do Brasil), Vale Cabral, Araripe Junior (Gazeta literária — 1884), Kozeritz (Gazeta de Porto Alegre), e da critica dêstes escritores ressalta a opinião que sustento e bem claro fica estabelecido que a civilização americana sendo menos original que a européia, as literaturas desta parte do mundo vinculam-se por laços de filiação e de imitação ás do velho continente, mas aqui adquiriram qualidades novas e diversas mais ou menos salientadas.

Á luz dessas idéias, a questão do nacionalismo literário tem uma solução natural e clara. — Temos uma literatura nossa, criada lentamente por longos anos de vida intelectual num meio todo outro do europeu, mas o germe da constituição de uma literatura nacional brasileira a critica irá encontrar na transformação da poesia portugûesa para aqui transplantada. Daí é que parte o nosso fio tradicional — elemento formador de toda literatura. Em consequência disso não apresentamos uma literatura fecunda, nem bastante original, mas temo-la correspondente ao nosso vigor mental, e caracterizada por uma predominancia do sentimento, por uma feracidade lirica que diferenciam os produtos brasileiros de seus congêneres europeus.

Não há quem, um tanto conhecedor destas cousas, abrindo um livro de versos ou um romance escrito em portugûês não conheça, dêse logo, se tem ante os olhos uma obra darte concebida nas margens do Tejo ou do Mondego, ou se é um viçoso rebento de nosso abrasado solo americano. É claro que faço exceção das nulidades incolores e dos limitadores servis.

Nossa literatura pronunciada de modo diverso, contendo novos têrmos, modificando-se sintáticamente, alte-

rando a significação dos vocábulos antigos, é um documento vivo, loquaz, convincente, da nascente autonomia de nossa literatura.

A lingua modifica-se com o evoluir das idéias, e, mais ainda, sob a ação complexa e irresistível dos novos climas, da mentalidade, da emocionalidade, e da volicionalidade divergentes. "La lingua, escreve Setembrini, non muta sua natura organica, per nuove parole che ella riceva, ma per mufamento interno del pensiero (12).

E, como exemplos ilustradores do assunto, lembra o emérito escritor, a lingua inglesa, que encerra palavras de muitas outras sem perder seu caráter nacional, e a lingua latina que, conservando as mesmas palavras e as mesmas formas gramaticais, é diversa, quando traduz a Biblia, do que é quando usada pelos escritores pagãos, porque é bem outro o pensamento que ela enroupa.

É o que se dá com a lingua portuguesa transportada para a America. Outros hábitos, outro pensar, outro sentir, um meio diverso, necessidades dissimiles, determinaram um modo próprio de dizer, o que implica uma vida literária se organizando com elementos estranhos aos da antiga metrópole.

III

O Brasil-colônia, amesquinhado embora por uma governação estúpida e ferrenha, esmagado embora sob a ação opressora de uma metrópole ciosa e enfatuada, conseguiu dar á sua eflorescência sentimental a forma pujante de um lirismo superior, produzindo Gregório de Matos, Bazilio da Gama, Durão, Gonzaga, Souza Caldas, etc.

A ação dêsses grandes vultos foi o impulso inicial da força evolutiva da mentalidade brasileira pela criação dos elementos tradicionais, o fundo constitutivo da literatura pátria.

Retardado o desenvolvimento dessas bases primitivas

pelas condições precárias do colonato, pode-se afirmar que foi somente pela reação romantica que o Brasil entrou em imediata comunhão de idéias com a civilização ocidental, a qual mais francamente e mais condignamente agora assimila, depois, do ultimo movimento científico promovido principalmente pela introdução da filosofia positiva, hoje definitivamente suplantada, principalmente ao Norte, pelo evolucionismo de Spencer; pelo monismo de Haeckel, pelo materialismo idealista de Alex, Bain e Stuart Mill, e um tanto por Schopenhauer, Hartmann, Noiré, Ardigo, Sergi, Morselli. Isto na filosofia propriamente dita, porque no direito, os guias da renovação mental são atualmente Jhering, Herman Post, Maine, Lombroso, Ferri, Lacassagne, Tarde e uma legião de outros nomes conspícuos como os citados.

No dominio da psicologia, da lógica, da linguística, da historia, da antropologia, muita coisa se tem produzido nos grandes nucleos da elaboração do pensamento e de tudo se há projetado sôbre nós um clarão, embora amortecido pela distancia.

Mas não é oportuna a ocasião para fazer a resenha dêstes cometimentos. O campo de observação é, neste momento, mais limitado. Voltemos ao romantismo.

Essa escola, que dominou as letras pátrias por tantos anos e que nos instilou no espirito um germe sempre renascente de sentimentalidade, não foi um resultado lógico, fatal, de condições históricas, foi um enxêrto, uma implantação artificial, como a generalidade das manifestações da inteligência brasileira. Sintoma característico de incapacidade ou de impotência por decrepitude precoce e, sem contestação, êsse fato entristecedor; mas não me vai tão profundo o desalento que descreia do surdir vivaz de nossas faculdades inventivas. O movimento que vai ser rapidamente apreciado deixou-nos essa consoladora convicção de que possuímos boas qualidades, que hão de reflorir possantes em ocasião mais propicia.

O romantismo político surgira com a efervescência, dando-nos uma produção ainda hoje fetichistamente adorada por alguns — a "Carta Constitucional" outorgada por D. Pedro. Nas letras, o terreno havia sido desbravado por Maciel Monteiro, um artista admirável que a política arrebatou à poesia, Odorico Mendes, Teixeira de Macêdo, Moniz Barreto, o repentista, e alguns mais, como lembra Silvio Romero (13).

Apesar disso, porém, pode-se afirmar que foi Domingos José Gonçalves de Magalhães (1881-1882) quem iniciou, entre nós, essa revolução literária, porque, publicando os seus "Suspiros Poéticos" (1836), sua obra capital na esfera da poesia, Magalhães não se apresentou somente como poeta, porém, ao mesmo tempo, como doutrinador e propagandista de novas idéias. Sendo auxiliado por seus amigos Sales Torres-Homem e Araujo Porto Alegre, o revolucionário do "Timandro" e o autor do "Colombo" e das "Brasileiras", o ilustre poeta se alçou a uma posição longo tempo indisputada de chefe, dando o primeiro impulso à movimentação que se desencadeava sobre o país.

Devemos-lhe isto. É seu primeiro título de glorificação.

Assistindo, na Europa, à ebulição da segunda fase do romantismo francês foi seduzido pela exuberância de um refinado sentimentalismo que tinha deslumbramento no estilo, coisa sempre grata aos ouvidos meridionais, e que ostentava as frescuras vividas de uma capiosa novidade. Deixou-se arrastar pelas impetuosidades da corrente.

Aconteceu-lhe, porém, o mesmo que aos proceres do romantismo português — sua educação clássica mal abafada no ardor do primeiro entusiasmo, encontrando terreno de fácil minação na forma falseada do romantismo que adotara, o ramo emanuelico do palavroso Chateaubriand, e do místico Lamartine, reagiu sempre sobre ele, tornando-o, a princípio, meticuloso em seus avanços, estacionário, improgressivo depois, e, nos últimos anos de sua lon-

ga vida, improdutivo, estéril.

Eis como se explicam suas tergiversações literárias, sua oscilação entre o receio de romper com o passado e a sedução do espírito novo que se impunha com a fascinação da surpresa de uma emoção desconhecida.

Esses desfalecimentos, a ausência dessa confiança absoluta que faz dos renovadores homens de ação e força, não lhe permitiram atuar de um modo mais decisivo e fecundo sobre a orientação da inteligência brasileira (4).

Mais vigoroso lhe fosse a intelectualidade, mais larga se lhe abrissem as vistas e ter-se-ia imposto, projetando a majestade de seu vulto sobre a geração que se erguia ambiciosa e confiante, ainda no impeto, na azafama das primeiras batalhas.

Entretanto, ainda assim, seu vasto espírito encubava em germe quase todos os movimentos posteriores do romantismo brasileiro.

Foi também criador do teatro nacional, embora, não compreendendo a relação histórica entre o fenômeno que apresentavam então as literaturas e a vida íntima dos povos, nos desse traduções e traduções ducis. Dir-me-ão que "Antonio José", com que ele lançou o primeiro alicerce do nosso teatro, traduz o magnânimo intuito de erguer do esquecimento um dos mais vividos talentos que produziu o Brasil nos tempos coloniais, que a inspiração dessa obra d'arte o poeta foi beber no íntimo recesso da história pátria, no veio tradicional de nossa vida como povo, no sentimento de nacionalismo.

Nem tanto assim. Antonio José da Silva, o judeu que soube fazer coegas á burguesia portuguesa, não foi um artista onde vivido se revelasse o gênio de uma raça, cuja alma sintetizasse a grandiosa alma do povo. Não foi. Nem o ilustre autor da "Confederação dos Tamoios", podia, através das escuridades da crônica atravancada, que fazia às vezes de história, sentir a vida obscura do povo

a estuar na gestação laboriosa do futuro.

É forçoso reconhecer, no entanto, que essa escavação erudita embora falsa até certo ponto, apresentada em forma de tragedia, agitou os espiritos como um sopro quente de vida que surge. Não foi sem emoção que se ouviram e se leram os versos do "Antonio José". Em resumo, é uma boa peça literaria.

Magalhães tambem tentou a historia e a filosofia. Os "Fatos do Espirito Humano", e mais tarde a "Alma e o cérebro", são produções medianas, mas não de todo inferiores ao que sobre o mesmo assunto publicaram os chamados filosofos classicos do século XIX, que foram seus mestres e dos quais "as vezes se apartou, para se aventurar em novas teoria".

Mas voltemos um momento ainda a considerar o poeta. Magalhães não possuia a tonalidade lirica, doce, melodiosa e volatil. Seus versos, ás vezes asperos e duros, ás vezes rasteirinhos e desenxabidos, só se exalçam nas odes como a "Mocidade e Napoleão em Waterloo", em que um pensamento, uma idéia levantada lhe dirige os vôos da musa. É por esse motivo que "Urania", coleção de versos de um lirismo pessoal, é inferior aos "Contos Funebres", onde ele experimenta a poesia filosofico.

É ainda por isso que sua produção poetica de maior mérito é "Napoleão em Waterloo". "É uma coisa singular esta poesia, diz Silvio: não se parece com nenhuma outra do autor. O momento psicologico que a produziu foi unico em toda a vida de Magalhães".

Não obstante, alguns versos liricos se podem catar nos varios volumes de suas obras completas. Destacorei, na "Urania", o "Adeus á Lira", e as trovas sobre "o que é o amor", mas, sobretudo, essas poucas endeixas do "Louco do Cemiterio", "Regato que corre", etc. Aí aparece o discipulo de Sousa Caldas, que o poeta fluminense considera o primeiro de nossos liricos.

Na "Confederação dos Tamois", tão duramente criti-

cada por José de Alencar, são raros os traços que seduzem e prendem o leitor. Uma certa monotonia pesada se vai apoderando de nós á proporção que avançamos por entre aquelas alas cerrada de versos pacatos e corretos. E fechamos o livro sem emoção, quase com desafogo.

Concluirei: A posição deste escritor na literatura brasileira é excepcional. Ergue-se êle, positivamente, no ponto em que desabam as construções do classicismo e erguem-se as românticas. Essa colocação é a fonte de seus defeitos. De seus méritos, digo, porque o apego á nova escola, o anseio de ligar seu nome a uma renovação literaria deu-lhe energia para impetus arrojados. De seus defeitos, porque, não tendo antecedentes pátrios no romantismo nem podendo por seu temperamento abeberar-se dessa lirica suavissima da escola mineira, é natural que ainda não encontrasse uma lingua afeiçoada ás novas exigencias mentais, e lutasse para vencer certas dificuldades, para desbravar o terreno, consumindo, nesse empenho, energias que poderia realçar se outras fossem as condições em que se achou.

Companheiro e amigo de Gonçalves Magalhães, o ilustre pintor e arquiteto rio-grandense, Manuel de Araujo Porto-Alegre (1806-1879), não foi menos esforçado cultor da literatura amena, e, se é menos conceituado seu nome na memoria dos literatos brasileiros, é por não ter ele dado um forte de iniciador em qualquer genero, nem mesmo com as "Brasilianas". Silvio Romero faz-lhe justiça reconhecendo seu talento descritivo, seu olhar objetivista, sua linguagem colorida, mas, por certo, um tanto pesada. É preciso ver no autor do "Colombo", um dos mais beneméritos preparadores de nossa autonomia mental.

Iniciado assim o movimento romantico, foi desenvolvendo-se por um impulso natural e apresentando cambiais variadas, segundo o prisma da alma do artista, através da qual se coava, até esgotar de todo suas forças ativas e resolvesse afinal na critica e na ciencia.

Vamos tentar acompanhar de longe, resumindo num rapido bosquejo, a marcha evolutiva dessa corrente literaria.

Depois dos tres obreiros apontados acima, aos quais é de justiça ajuntar Antonio Gonçalves Teixeira de Sousa (1812-1869), e, passando por Joaquim Norberto de Souza e Silva, um infatigavel, por Pereira da Silva, Laurindo, Torres Bandeira, Dutra e Melo, Otaviano de Almeida Rosa e Cardoso de Menezes, com os quais a poesia já vai tomando os modernos tons delicados, o primeiro elemento modificador que teve uma idéia nova de força apreciavel foi Antonio Gonçalves Dias (1823-1864), que pode ser considerado como o criador da escola indianista, pois se não foi ele o primeiro a concebê-la, foi, no entanto, quem lhe deu certo cunho de nacionalidade, quem lhe imprimiu direção.

Não tenho que fazer um estudo aprofundado, uma analise detalhada e completa das boas qualidades literarias do illustre poeta maranhense. Sua biografia já foi magistralmente escrita pelo dr. Henriques Leal, e o eximio critico sergipano, Silvio Romero, consagrou algumas das mais belas paginas de sua "Historia da Literatura", fazendo salientarem-se os merecimentos incontestaveis dessa esplendida organização de poeta. Além disso, meu intuito, neste escrito, é sintetizar, apontar os delineamentos principais, os contornos.

Gonçalves Dias foi um mimoso poeta essencialmente lirico, que teve em alto grau o dom da forma; que bem soube apanhar os traços dominantes de um quadro, de uma cena; cujas descrições são quase sempre belas, palpitantes, vivas; que não raro derramou sobre seus versos essa doce unção do sentimento que fala aos corações ainda não gastos. "Ainda uma vez adeus", a mais sentida poesia dos "Novos cantos" e uma das mais belas da lingua portuguesa, "são versos dalma arrancados", como diz o poeta na ultima oitava. "Culnare e Mustaphá", deve

ser incluída no mesmo gênero. E assim algumas outras.

Mas nem sempre Gonçalves Dias se mostra um poeta de sentimento profundo, a brotar-lhe dalma em jorros cristalinos. Quase sempre é o poeta da forma, da côr, porém derramando por suas composições as queixas de uma alma dolente, insaciada, num anseio que nunca se satisfaz, numa descrença doentia que lhe tolda as alegrias todas.

Ele mesmo no-lo diz prolongando os "Últimos cantos": "Eis os meus últimos cantos", o meu último volume de poesias soltas, os últimos arpejos de uma lira cujas cordas foram estalando, muitas aos balanços asperos da desventura e outras, talvez a maior parte, com as dores de um espírito enfermo, — fictícias, mas nem por isso menos agudas, produzidas pela imaginação, como se a realidade já não fosse por si bastante penosa, ou que o espírito afeito a certa dose de sofrimentos se sobressaltasse de sentir menos pesada a costumada carga(15)".

A idéia de uma poesia original brasileira, inspirando-se nos costumes selvagens, o indianismo foi uma de suas criações "Tabira", "Y-juca-pirama", "Leito de folhas verdes", "Marabá", são poesias que todos repetem ainda hoje.

O insigne maranhense experimentou-se ainda no drama, na crítica, na etnologia, e em todos esses ramos deixou-nos boas amostras de seu fecundo engenho.

É um dos vultos mais proeminentes de nossas letras, e um dos mais populares, esse mestiço tão delicado e tão suave no correto poetar.

O indianismo, a que havia ele dedicado boa soma de seus esforços, viu alargarem-se-lhe os horizontes com o aparecimento de José Martiniano de Alencar (1829-1877), e com ele mesmo transviou-se, prolongando-se além das raias que lhe haviam traçado as condições históricas.

Alencar, o fértil romancista, o aprimorado estilista, o incansável trabalhador, foi a meu ver, e sem desconhecer

o valor de Gonçalves Dias, o vulto mais eminente do romantismo brasileiro.

Sei que Rocha Lima lhe nota, com justiça, uma "exigua aptidão para o romance psicológico (16)", mas essa observação não lhe diminue a estatura agigantada.

Forcejou, quanto possível, para possuir-se, para saturar-se do genio nacional, bebendo a inspiração de suas obras na índole do nosso povo, o que o levou algumas vezes a exageros. Seu maior empenho foi favorecer a aspiração, engrossar a corrente que marchava para a fundação de uma literatura nossa, extremada, independente da portuguesa, a cuja tutela vergonhosamente nos submetemos. Tiveram esse grande alcance social os seus romances, que foram as primeiras sementes do romance verdadeiramente nacional. Nas suas mãos, o indianismo foi principalmente uma poderosa arma de combate, não obstante a falsa intuição que o fez preferir.

De todos os seus trabalhos traduz esta idéia: — a constituição e o avigoramento de uma literatura brasileira. Para consegui-lo era preciso embebe-la no sentimento de patria e faze-la refletir os avanços do século.

Se não obteve plenamente o resultado a que visava, é preciso confessar que a essa obra superior dedicou ele o melhor das energias de que era capaz sua vigorosa organização literaria. Eis onde vejo o seu melhor titulo ao nosso reconhecimento e não é somenos: eis onde principalmente está sua gloria e bem grande é; eis o maior legado que nos deixou e é imenso. Convém entretanto, sabe-lo conservar e, mais do que isso, desenvolvê-lo, aumentá-lo, engrandece-lo. Para isso tonifiquemo-nos na compreensão de sagrado dever que manda a todo homem trabalhar com esforço, com dedicação, com sacrificio mesmo, pelo melhoramento do país onde o destino o fez nascer.

Antes do mais, é preciso dizer claramente que não não desconheço o abandono em que ia ficando o modelo

português antes das insurreições de Alencar.

Magalhães, Porto Alegre e principalmente Gonçalves Dias, já nos tinham levado ao estudo de outras literaturas.

Isso não apouca a grandeza de sua obra. Ninguém jamais produziu uma revolução nas idéias de uma época, sem antecedentes históricos, e sua obra capital não livrar-nos do jugo literario português simplesmente para procurar outro, mas tirar, da individualidade do país, as forças para constituição de uma literatura propria, original, bebida no genio especial do povo. É bom que fique bem asentado isso.

Esta attitude amarfanhou as pretensões lusas, e a intrujice dos tertulios literarias esparrinhou-se em iras grotescas.

Mil e mil vezes bocejei de tédio, mil e mil vezes invadiu-me o orgasmo sonifero ao percorrer as massudas paginas das "Questões do dia" (Rio de Janeiro 1871). Mas havia resolvido consumir a leitura daquelas 376 insulsas paginas em tipo nove, e prosseguia.

Hoje causa riso aquella iracundia de classico improvisado diante do estilo imaginoso "de um dos cerebros mais artisticamente organizados que já existem em nossa terra", segundo a frase exata de Araripe Junior. (17).

Detenhamo-nos um pouco mais na contemplação desta simpatia individualidade tão apaixonadamente estudada por Araripe Junior, cujo trabalho dispensar-me-ia de mais longas indagações, se nesta ocasião fosse intento meu abalançar-me a elas.

Entretanto com os graciosos folhetins — "Ao correr da pens", dominando o publico fluminense com as "Cartas sobre a Confederação dos Tamoios", dedicando-o com os "Cinco Minutos", e "Viuvinha", José de Alencar foi, pouco a pouco, elevando-se, no romance brasileiro, a uma literatura em que se viu isolado, sem rivais e sem companheiros.

Entretanto, eu destaco de suas novelas e romances,

tão graciosos, tão delicados sempre, o "Guarani", a "Iracema", e "Senhora", aos quais se devem agregar "As minas de prata".

Mas nestes, como em todos os outros seus trabalhos, o que lhe dá uma feição própria, a nota original, é, sem duvida alguma, a graça feminina do conjunto, transparecendo a sorrir num estilo sonoro, cheio e dulçoroso como ninguém ainda o teve entre nós.

Os periodos são cadenciados, ritimicos, produzindo, às vezes, a ilusão de que estamos lendo poesia versificada, quando é prosa que nos passa pelos olhos.

Que nos importa, a nós, leitores, seduzidos pela magia das descrições onde prima o estilo, que o mundo em que giram Perú, Cecilia, Iracema, Lucia, Corolina seja um mundo absurdo, impossivel? O encanto se prolonga até o termino da leitura e só nos lembramos de aferir aquela vida fantastica pela chata realidade que nos circunda, quando, passadas as primeiras impressões, a que assistimos como testemunhas mudas, mas interessadas.

Era, pois, José de Alencar uma organização essencialmente lirica. Este predicado o diferenciou de seus contemporaneos pela intensidade e o tornou um dos escritores mais genuinamente brasileiros.

Tambem nesta circunstancia encontro eu a razão de se ter êle mantido sempre num circulo exclusivamente letrista, sem engolfar-se no arrastão cientista, que, já em seu tempo, ia levando a mocidade mais inteligente... Como ele mesmo disse, não pode converter-se ao "espirito novo" e, "reconhecendo os altivos cometimentos da ciencia moderna, todavia não sacrificava ao idolo de ontem uma civilização milenaria".

Não posso aceitar a razão da idade que invoca Araripe Junior, escudado em Tissot, para explicar o afastamento de José de Alencar das novas idéias que iam se apoderando da mentalidade brasileira.

Esse movimento de reação científica acentuou-se de

1870 em diante, porém, já vinha de mais longe. Encontrou, portanto, Alencar ainda antes dos quarenta anos. Não era um velho.

Julgo mais aplicável a esta grande individualidade a explicação que se lê em Wechnikoff, a propósito de Schiller. São suas palavras:

"Uma organização lírica espontaneamente confirmada não pode, nos limites de um mesmo indivíduo, ser transformada em uma organização sensorial e intelectual de um tipo diferente, a despeito da intensidade da instrução, da educação e do meio agindo em um sentido oposto ao tipo próprio do indivíduo. Citarei como caso concreto relativo a esta observação geral o do poeta Schiller. Vischow descreve como a instrução médica, a mais objetiva e aprofundada para a época, foi impotente para modificar, no sentido oposto ao tipo próprio do indivíduo; Citarei como caso concreto relativo a esta observação geral o do poeta Schiller. Virchow descreve como a instrução médica a mais objetiva e aprofundada para época foi impotente para modificar, no sentido da precisão, e do rigor científicos, a organização profundamente lírica de Schiller, embora seguisse ele o ensino médico como aplicação e aparência de sucesso. O tipo artificial de uma instrução dada em um sentido determinado só se pode impôr às inteligências medianas, às originalidades pouco pronunciadas". (18).

Uma contra prova de que a observação acima citada tem aplicação ao nosso grande romancista é que todos os assuntos por ele tratados, quer fossem a crítica política, como nas "Cartas de Erasmo" e nos discursos parlamentares, quer fosse o direito, como no "Sistema representativo", na "Propriedade", nos "Esboços jurídicos", tomam uma certa feição especial, perdem as agruras do rigor científico e o fastio das minúcias detalhadas, poetizam-se.

A corrente das tradições literárias me levou a tratar de José de Alencar antes de consagrar algumas palavras

ao fecundo romancista fluminense, Joaquim Manuel de Macedo, e, cedendo a seu impulso, devera prosseguir no mesmo veio até final esgotamento e ir reconhecendo as nascentes novas que lhe fossem aumentando o volume e a força. É que Macedo, apesar de ter experimentado em varios ramos literarios, poesia, romance, teatros, historia, e de ser dos escritores mais lidos de seu publico, não conseguiu exercer uma influencia notavel sobre a evolução mental dos brasileiros. Ergueu sua tenda á margem do caminho, e, desse posto izolado, viu passar, em bandos tumultuosos, as escolas e os partidos que agremiarium seus compatricios.

Seus romances, como seus dramas, sempre guardaram uma certa mediania da qual raro se afastaram, e se, uma vez por outra, se erguiam algum tanto, logo voltavam á craveira adotada.

Dele se pode dizer como Zola de Jules Claretie: "era uma fonte cuja torneira estava completamente aberta e donde a água corria sempre com a mesma facilidade e sempre com a mesma fôrça". (19)

Apresentou-se a conquistar o nome de romancista com a "Moreninha". Todos se voltaram para êsse jovem tão cheio de promessas e que parecia conter tão boas predisposições para o gênero literário que vinha explorar. Os volumes se sucederam e nunca um outro romance veio da mesma pena que realizasse, de um modo definitivo e seguro, as esperanças criadas. "Rosa", "Vicentina". "O moço louro", "Vitaminas e algozes" e um crescido numero de escritos outros em prosa, nenhum se avantajara ao que acima citei, como estudo de costumes.

Das obras poéticas prefiro a "Nebulosa". Como historiador não se pode avançar que compusesse obras de vulto nem que desinçasse de êrros algum ponto obscuro de nossas crônicas. Como dramaturgo o comediôgrafo esteve na altura do romancista. Nem galgou eminência nem deixou-se ajuntar no pantanal dos inominados.

Foi um trabalhador infatigável, contribuiu poderosamente para sugerir, n'uma certa parte de seus leitores, principalmente nas mulheres, o gôsto por se darem a leituras amenas de melhor quilate. Popularizando-se, como nenhum outro romancista brasileiro, educou, de alguma forma, essa parte do povo que os labores da vida afastam do mundo das letras num dominio cujas belezas eram apenas entrevistas.

Outra escola que largamente contribuiu para nossa emancipação foi a byroniana, inaugurada por Manuel Antônio Alves de Azevedo (1831-1852) e depois transformada em sentimental por Casimiro e outros.

Essa lugubre poesia "blasée", de afetada descrença, de desapêgo ás estreitas conveniências, donde quase sempre ressumbra um cálido vapor de orgias, de vícios baixos, — encerrava em si, como numa caçoila, o germe purissimo do sentimento de liberdade, embora indisciplinado.

Por isso o pasmoso talento de Alvares de Azevedo, impulsionado por ela, teve fôrças para romper com a ordem de coisas que dominava em seu tempo, e para fazer o espirito brasileiro subir mais um passo na escala ascensional da desenvolvimento civilizadora. Por isso fez escola e popularizou-se. Até bem pouco tempo ainda, todos os moços que liam alguma coisa tinham pelo distinto paulista um culto fanático.

E merecia-o, com certeza, êsse desventurado jovem, que, morto aos vinte e um anos, estudara apaixonadamente as literaturas portuguesa, espanhola, italiana, alemã, e principalmente a francesa e a inglesa, seduzido por Shakespeare, Byron, Musset, Hugo e Sand. Alma doentia e sedenta da gloria que seu vasto espirito concebia radiosa, mas que um pressentimento funesto lhe amargurava com a sombra da morte precoce, escreveu sempre em febre e sempre superiormente. É impossivel ler sem emoção os versos, talvez incorretos mas sentidos e belos, da "Lira dos vinte anos", o "Macario", a "Noite na taverna".

Como os ossos românticos de valor, o moço paulista abordara diversos gêneros, o verso, onde mostrou-se um lírico dos melhores, o conto, onde se revelou de uma fantasia desordenada, mas exuberante e vigorosa, o drama e a crítica. Para êstes dois ultimos gêneros seu espirito ainda estava por demais tenro; não obstante, ótimos tratos de prosa nos ficaram dêle, que é fácil joiar de algumas extravagancias de imaginação e de estilo alcandorado que empacham-lhe por vezes o discurso.

Estas qualidades o sagraram idolo da mocidade que o leu, que o admirou e que o imitou.

Essa influência extremada foi, em parte, um bem, porque, tendo êle descortinado novos horizontes literários, o espirito ávido da mocidade atirou-se para aí, abandonando os gastos moldes antigos.

Foi esta uma das escolas que mais simpatia encontraram no animo dos brasileiros, que mais longo tempo dominaram. Raro foi o brasileiro que, depois de Alvares de Azevedo, não desferiu, ao menos uma vez, o desalentado canto da lassidão, do tédio, da sociedade, da descrença, da funda tristeza das almas enfermiças das sensibilidades doentias. Aureliano Lessa, Bernardo Guimarães, Franco de Sá, Junqueira Freire, Casimiro de Abreu foram as almas dolentes, minadas por melancolia intima, que mais profundamente gravaram seus nomes em nossas tradições literárias.

Falando de Aureliano Lessa (1828-1861) diz Silvio Romero: "sua poesia era a emanção espontanea e doce de um rosal florido; nada de pose; tomava o ton do momento a nota da alma da ocasião". (20)

Suas composições — "Tu", o "Sol", "Criação", devem ser classificadas entre os melhores espécimes da poesia brasileira.

Bernardo Joaquim da Silva Guimarães (1827-1885), mineiro como Lessa, foi tambem, como êle, amigo e companheiro de estudos de Alvares de Azevedo. Sua indivi-

dualidade, porém, cedo acentuou-se com feição própria, constituindo-se uma das mais alevantadas do romantismo entre nós. Poéta, romancista e critico, sempre exhibiu-se com elevação de vistas, mas com simpleza e naturalidade.

Prefiro o romancista ao poeta, embora, num e noutra gênero, as cores nacionais que emprega o tornem benemérito intérprete dos sentimentos de nosso povo.

Mas a "Escrava Isaura", o "Seminarista", o "Garimpeiro" e "Mauricio" colocam Bernardo Guimarães numa culminação a que não atingiram seus versos. Um critico fazendo, há tempos, um estudo comparativo entre os romancistas brasileiros mais produtivos, Alencar, Macedo e Guimarães, classificou o mineiro acima do fluminense, concluindo por dar-lhe o segundo lugar entre os cultores nacionais dêsse gênero de literatura. E Silvio Romero, o critico mais conhecedor de nossas produções literárias, viu nêle um dos precusores do "naturalismo á moderna".

Casimiro José Marques de Abreu (1837-1866) é um dos poetas mais amados e mais lidos pelos brasileiros. De um sentimentalismo exagerado, mas doce e atraente, de linguagem facil sem ser banal, harmoniosa sempre, o jovem fluminense, produzindo um unico livro, teve maior fôrça de infiltração sôbre os coevos e pósteros que muitos outros que têm amontoados volumes sôbre volumes. Para êsse resultado contribuiu sem duvida, a lenda de amargores que se criou em tôrno do poéta, contrariado em sua vocação pela caturrice da familia, e morto no alvorecer da existência. Seu amigo José Alexandre Teixeira de Melo, o autor das "Sombras e Sonhos", que não teve lenda, ficou ignorado como lirista, até que Silvio Romero lhe visse fazer justiça em boas páginas de reparo á cegueira injustificavel do publico. Julgo não me enganar asseverando que Teixeira de Melo era mais conhecido como erudito por seus trabalhos insertos nos "Arquivos da Biblioteca Nacional" do que por seu lirismo sadio e capitoso.

A escola melancólica, espontando byroneana com Alvares de Azevedo, se modificando com Aureliano Lessa, tornando-se exclusivamente sentimental com Casimiro de Abreu, veio a ter, em Teixeira de Melo, um depuramento de formas que preparou o advento dos novos estilos.

Em seguida vemos surgir, de diversos pontos do Brasil, um grupo de bons espiritos cultivando a poesia do povo, bebida nas tradições mais vivazes e comovedoras dos recantos sertanejos e campestinos. Bittencourt Sampaio, o simpático autor das "Flores silvestres", Trajano Galvão, Gentil Homem de Almeida Braga, Bruno Seabra, Joaquim Serra, Juvenal Galeno e outros de menos valor foram rebuscar, nas cenas da roça, no viver das classes pobres e desprotegidas, as notas alegres e os gemidos pungentes que fazem o encanto das "Três Liras", das "Flores e Frutos", dos "Quadros" das "Lendas populares". Deve-se prender a êsse grupo o autor dos "Enlevos", Franklin A. de M. Doria.

Luiz Nicolau Fagundes Varela (1841-1874) foi o ponto de convergência de todas essas tendências que despontavam umas e amorteciam outras no país. Prende-se, de alguma forma, a escola byroniana e á sentimentalista por sua hipocondria extrema, íntima, invencível e pela influência bem caracterizada de Musset.

Franklin Távora pode apontar o quanto contribuíram, para a formação de seu espirito, G. Dias, Junqueira Freire, Casimiro de Abreu e Freire de Menezes; lembra Chateaubriand, Vigny, Delavigne, Heine. Descobre-se, porém, que, na harpa eolia de seu sentimento vibra mais uma corda — o panteísmo bebido nos versos vividos de Hugo.

Em sua organização mórbida, o amor da natureza degenerou em aborrecimento da sociedade, contra cujos desmandos protestou com o modo de vida livre e despreocupado que todos sabemos.

Foi um poeta mimosíssimo que, logo ao aparecer, os

criticos colocaram a par de Gonçalves Dias, que passava por ser o primeiro lirico nacional.

As simpatias que soube despertar o poeta fluminense deviam congraçar em torno dêle os animos, a ponto de torná-lo um dos diretores da poesia brasileira. Não fez escola, não teve ação sôbre a mentalidade de seu tempo. Esse fato aparentemente anônimo acha uma explicação natural do modo por que devemos compreender a individualidade de Varela.

Ele foi o ultimo rebento da escola byroniana de Azevedo, influenciado pelo lirismo vivaz e panteista de Vitor Hugo, refletido através de uma sensibilidade cuja morbidez originária os transe da vida aumentaram. Escolas moribundas nêle tiveram o seu ultimo alento, escolas nascentes nêle se transviaram. Como influir sôbre os contemporaneos de modo a arrastá-los após si?

Entretanto, seu talento plástico e seu estilo dulçoroso fizeram dêle um poeta de primeira grandeza. Seus poemas "Esperança", "Mimosa", "Antonio de Corá", "Didiá Lázaro", são sempre de um lirismo fresco e sonoro, que nos embala em sonhos dourados por onde esvoaçam borboletas de asas luminosas e revoadas de passaros chilreantes. Mas é sobretudo em "Juvenilia" que o nosso lirista é inexcedível. É difficil encontrar, nas literaturas da Europa, versos que, no gênero, lhe sejam superiores.

São estas produções ligeiras e aladas, como devem ser as criações liricas, que hão de garantir a immortalidade que êle presumia provir-lhe do "Evangelho das Selvas", quando exclamava:

Oh! Não morrereis, meus pobres cantos!
Não passarás nas trevas, deslembrada
Musa cristã, que peregrina foste
Pedir inspirações ao frio solo
Do sombrio jardim das Oliveiras
E do suor de sangue te molhaste.

Não morrerão, por certo, os maviosos cantos do cisne sulista, e a mocidade que ama a poesia fará bem se for beber em longos hautos, essa poesia sempre de um lirismo fresco e "Fantasias".

Antes de passar além, talvez me devesse deter um instante em frente á nobre figura de Agrario de Sousa Menezes (1833-1863). Direi, porém, muito pouco d'ele nesta ocasião. Encontra-lo-emos em outro momento. Basta ficar consignado que foi um grande jornalista a par de eximio dramaturgo e bom poeta.

Prossigamos, pois.

Uma escola que despertou entusiasmos arrastadores foi a escola francamente hugoana que teve, por precursor, José Bonifacio, por chefes, Castro Alves, Tobias Barreto, Pedro Luiz, e, por secretarios alentados e talentosos, Palhares, o inditoso poeta das "Centelhas" e das "Peregrinas", Castro Rebelo Junior, Joaquim de Souza e alguns outros, entre os quais Oliveira Sobrinho, pouco lembrado, mas não por falta de estro e calidez (21).

Não quero exagerar os méritos da escola condoreira que morreu inanimada, desacreditada nas mãos de certos imitadores inhabeis, mas é incontestavel que ela foi um elemento de vida para a nossa literatura, pela movimentação e brilho do estilo, pelo imaginoso dos tons, pelo calor comunicativo que desprendia. Os versos de José Bonifacio, os de Castro Alves, os de Pedro Luiz, são os do que demais alevantado e majestoso possuímos, e se, o jovem baiano foi algumas vezes incorréto, resgatou bem caro êsses leves senões pela profusão de notas altissonantes e arroubadas fantasias que espalhou por suas obras.

Pode-se pois, em resumo, dizer que a escola hugoana, seduzindo por seu estilo retumbante, por sua forma fascinante, teve muitos seguidores, dos quais foram bons talentos os primeiros, e quase sempre imitadores banais os vindos por ultimo, quando a escola já dera tudo o que tinha de aproveitavel.

Foi esta a ultima fase romantica da poesia brasileira. A ela prendem-se embora já também renunciando os modos romanticos, dois poetas de grande merecimento: Alexandre José de Melo Morais Filho e Luiz Delfino dos Santos.

Melo Morais, discipulo de Castro Alves e Bittencourt Sampaio, tomou do primeiro a forma tropológica e fantasiada, e com o segundo aprendeu a ver com olhos de poeta, as pequeninas coisas de nossa vida. O elemento intimo afinal preponderou sob a influência de Silvio Romero e, com certeza, também pelo amôr das coisas pátrias que lhe deve ter vindo de seu illustre pai, o erudite cronista.

Se, porém, numa ou noutra ocasião, como por exemplo, na "Tarde Tropical", é facil apontar alheia influência, é certo também que sua individualidade desprendeuse possante dos fatores que a desenvolveram, tomou uma colorização viva e distinta, impôs-se.

Nos "Cantos do Equador", nos "Mitos e Poemas", na "Pátria Selvagem", quer maneje o verso quer a prosa é sempre o mesmo poeta profundamente embebido do sentimento de pátria, a transudar a imensa poesia que trina alegre no peito do operário ou que se desfaz em queixas plangentes na choça, nas matas, nos vastos campos ardentes em tôda a parte onde sofrem os pequenos, os forçados da miséria.

É atualmente o nosso poeta nacional, não direi como o bardo escossês de Fingal, porque são outros os nossos tempos, mas como Prat o foi da Sardenha e Auerbach o foi da Alemanha.

O dr. Luiz Delfino dos Santos, depois de poetar, por algum tempo, no dispação tronituroso dos condoreiros, produzindo algumas peças ainda hoje lidas com prazer, como as "Solemnia verba", desmontou o bronzeo timbale hugoano, para empunhar a lira parnasiana, tornando-se o

chefe unanimemente eleito da escola hoje dominante no Rio de Janeiro.

Nas provincias, principalmente do norte, a direção foi outra. Depois do que Silvio Romero denomina "conceptualismo" semi-filosófico e semi-poeticos de Souza Pinto, Celso de Magalhães e Generino dos Santos, surdiram os socialistas de perto acompanhados pelos cientistas.

Não é meu intuito falar das novas escolas que se succederam ao romantismo. Ficam, pois, fora de meu plano todos aqueles que hastearam novas bandeiras, que se inscreveram em outras milicias, mesmo quando já tenham quebrado as armas de encontro ao mármore do tumulo, como Teófilo Dias, o poeta impecável das "Fanfarras" e da "Comédia dos deuses".

Mas alguns há dentre os poetas brasileiros contemporaneos que, apesar de transformados sob a ação dos novos métodos, persistem sempre romanticos. É dêsse numero Luiz Guimarães Junior. O estilo dos "Sonetos e rimas" não é o mesmo dos "Corimbos" nem dos "Noturnos", mas, sob a forma aprimorada que faz a sedução dos versos modernos de Guimarães Junior, se trai o romantico de outrora. Perdeu somente os tons alegres e facetos que adquirira no hábito de escrever folhetos, e, em troca, revela mais morbidez.

Chamaram-no de açucarado como se um dos melhores dotes da poesia não fôsse a doçura, o discretear ameno e melodioso.

Justa seria a critica, se nas ocasiões em que o artista exige notas agudas e alevantadas, nos desse ele os tons sempre abemolados do idilio.

Mas contra semelhante hipotese protesta a "Morte da água".

Se o illustre diplomata molha muitas vezes sua pena de cisne num idromel oferecido pela musa dos cantos ligeiros e dulcinosos, é uma questão de temperamento e educação. Açucarado também foi Th. Gautier nos "E-

maux et Camées" e vale a pena ter uma pecha tal em companhia tão nobre.

Mas voltemos ainda ao romance que vimos avantajadamente cultivado por Alencar, Macedo, Bernardo Guimarães.

A êstes nomes convém aditar outros: o senador Escagnole Taunay, Machado de Assis, Franklin Távora, Inglês de Sousa, João Adolfo Ribeiro, C. Vilela e poucos mais.

Machado de Assis é um trabalhador consciencioso que não tem cessado de frequentar a imprensa diária e periódica, publicando artigos de critica e novelas, á proporção que nos dá em volumes seus versos, contos e romances. Não tem escrito pouco, pelo contrário, suas obras formam já um bom numero de volumes. Na côrte é festejado pelos moços e acatado pelos velhos, nas provincias do norte seu nome não encontra a mesma simpatia turificante, o que não significa menosprezo de seu talento.

"Helena", as "Memorias de Braz Cubas", as "Crisalidas", e as "Falenas" são justamente apreciadas pelos que se dão ao estudo das letras pátrias, mas é que o romancista fluminense educado noutro meio, fala de outro modo, que, embora real, não é bem o mundo largo em que todos caibam, nem o nosso viver provinciano e nortista.

Só assim explico a pequena difusão de seus livros por estas paragens, onde se lêem produtos, no genero, mais que muito inferiores, como êsse que importamos de Escrich e seus pares.

Não se pode desconhecer, em alguns romances e contos de Machado de Assis, certas observações psicológicas e um certo sainete de mal disfarçada ironia que lhes dão direito ao nosso sufrágio.

João Franklin de Silveira Távora (1842-1848) fundou a escola que se poderia chamar do "naturalismo tradicionalista", porque em seus romances procurava, vasar com sentimento e com verdade a alma do povo tal como é e

como nó-la conserva a tradição. É a reconstrução sentimental da historia intima do nosso povo, tendo por fito principal a revivescência do sentimento de pátria — essa força coesiva que delimita as nacionalidades — pela consciência de sua origem e de sua vida própria.

Seus romances visam declaradamente uma fase literária. É intensão do autor extremar a literatura do norte da do sul, porque encontra, nessas duas seções do grande império americano, modos de viver, de sentir e de pensar perfeitamente distintos, acentuadamente diferentes.

Que os costumes do norte não são os mesmos do sul é inegável; que entre o norte e o sul nota-se, assim como outrora entre as provincias limitrofes, um certo antagonismo, é também cousa sabida; mas haverá aí base para a formação de literatura diversamente caracterizada? Uma estreita confraternização e uma convergência de idéias e sentimentos não serão afinal o futuro de tôda a comunhão brasileira? E se assim não for, e se as literaturas do norte e do sul tiverem de se distanciar por suas índoles de semelhantes, haverá vantagem em acelerar o movimento separatista, em cavar mais funda a divisão?

Se o futuro, não remoto, do Brasil é, como acredito que seja, uma democracia francamente republicana, estreitada pelos laços de uma larga federação que une, que liga, mas não asfixia, o esfôrço de todo não deverá ser no sentido de favorecer essa aspiração nacional, dos animos, orientando as expansões espontaneas de altruismo, criando uma convergência, promovendo o congraçamento de sentimentos de interêsses?

Essas perguntas a que o ilustrado cearense promettera responder no seu livro hoje inédito — "O Norte", não me parecem hoje ter o valor que o mesmo lhes attribuia no tempo em que as formulei. Estou convencido de que nosso pais é bastante vasto para ter em sua literatura uma côr fixa e sem nuança.

Cada região, em que diversificar o clima e a mesti-

çagem, a raça e o meio, poderá criar uma forma divergente de conceber, de poetar, de fazer literatura tendo aliás sempre um fundo comum por onde todos se hão de assimilar por que certos elementos constitutivos são os mesmos.

Franklin Távora não foi somente um bom romancista como o "Matuto", o "Cabeleira", e o "Lourenço". A poesia, o drama, a historia e a critica lhe roubaram também muitas horas aos seus afazeres de homem publico. De sua critica ficaram-nos, além de artigos dispersos, as "Cartas de Sempronio a Cincinato" e as notas bibliograficas.

Foi um fator emérito de nossa individuação literária. Esforçando-se por demonstrar os elementos de vida da literatura do norte afirmou a vitalidade da literatura brasileira.

IV

Aí fica apontada a marcha do espirito nacional durante a época tomada para objéto do presente estudo. Creio não ter enveredado por trilhos errados. Procurarei agora totalizar, numa sintese generalizadora, as tendências criadas e as conquistas realizadas pelo movimento literário cuja trajetoria passou rápidamente sob os olhos do leitor.

Aqui, como em tôda parte, o romantismo foi uma fase transitória e reacionária, mas despertador dos elementos nacionais da literatura; uma suave luz crepuscular a prenciar o dia que vem perto; peristilo de vasto e luxuoso edificio.

Determinar o tempo exato em que desapareceu de nosso mundo literário é o que se não pode fazer. As idéias sem luta, sem esforço, de um só jacto, repentinamente; antes se obstinam perpicazes no terreno conquistado, cedendo linha a linha o campo que foi de seus triunfos.

Nossa história data de ontem. O Dr. Pereira Barre-

to a faz começar da guerra com o Paraguai e só lhe vê duas páginas mais: — A emancipação do ventre escravo e a questão religiosa. Não direi que seja de rigorosa exatidão êsse modo de ver, pois de mais longe parte o veiro de nossa nacionalidade, mas, depois da proclamação da independência politica, são aqueles fatos, agora, acompanhados pela total manumissão da raça negra, e aos quais é forçoso acrescentar o 7 de abril os pontos culminantes de nossa história.

O espirito brasileiro atufado no insondavel pélogo de um teologismo escuro, recebendo, a raros trechos, os baifejos salutareos da metafisica, somente depois da supervenção desses acontecimentos vai entrando, de mais em mais francamente, no dominio das idéias modernas.

A critica matou o prestigio da teologia, desacreditou o sentimentalismo piegas em que degenerara o lirismo, e lançou os fundamentos de uma nova ordem de idéias.

Revivesceu o espirito já enfraquecido e aviltado na tibieza e na malicia das applicações mentais; acordou o entusiasmo pela ciência e estudaram-se, á luz das idéias novas, as origens e os destinos do pais. Nesta efervescência em que nobremente se agita a intelligência brasileira, um fato se observa que, do ponto em que estou colocado, não posso deixar em silêncio.

Refiro-me á applicação que os mais insignes espiritos hoje fazem de suas luzes ao estudo de nossa individualidade como nação.

A história, a raça, a lingua, a politica, tudo é apreciado, investigado, analisado, segundo o novo critério, com interêsse, com amor, com dedicação.

É bom sintoma êsse, creio.

Mas se no dominio da ciência, da filosofia e da critica vamos singrando mar largo e sempre avançando sobre os nossos predecessores, parece que no dominio da poesia e do romance, principalmente deste ultimo, não temos muito do que nos vangloriar. Gonçalves Dias, Varela,

Bernardo Guimarães, Alencar não tiveram ainda quem os excedesse, na geração atual. Não sei se encontraram quem os igualasse.

Vamos nos tornando anestésicos? Não posso acreditar-lo. Confiado espero ver levantarem-se mais alto os nossos lutadores.

O romantismo, como já ficou dito, foi nos povos europeus, um acordar de tradições, um abrolhar do sentimento nacional pela compreensão de suas origens no período medieval esse imenso laboratório donde saíram as linguas, as nacionalidades modernas.

O Brasil não teve idade média, iremos, se nos ativermos ao fato material das datas, se considerarmos, simplesmente perante a cronologia, a era que a história tomou esta designação. Mas coloquemo-nos em um ponto de vista superior. A idade média foi uma transformação social em que a filiação histórica se não quebrou, mas perturbou-se com a invasão dos bárbaros. Esse acontecimento veio, por um momento, sopitar a reconstrução que se operava ao lado da destruição do Império romano, subindo gradualmente á medida que a organização romana se decompunha. O principal trabalho da idade média foi a reparação da desordem trazida á evolução pelos bárbaros, a preparação da idade moderna pela transformação do escravo em servo e do servo em povo, a criação das linguas européias pela corrupção do latim, pelo novo modo de poetar dos trovadores, e, acima de tudo, a constituição das nacionalidades produzida pelo amalgama de elementos heterogeneos. (22).

Aqui a invasão veio de povos mais civilizados sobre povos menos civilizados. Desse fato resultou um fenomeno de regressão identico ao que sofrera a civilização geral do ocidente. Depois ainda nos veio um poderoso fator de nosso rebaixamento social. Foi o negro.

O trabalho de unificação desses elementos, pesado e longo, é o que devemos chamar a nossa idade média.

Foi para aí que se voltou o espirito brasileiro quando quis encontrar os elos de sua tradição historica.

Mas como obrar para seguir o movimento geral? Para onde dirigir as forças sentimentais e imaginativas?

O portuguez não nos despertava simpatia, porque ainda nos olhava com certa sobranceiria humorada de dono destituído, e nunca o nosso povo conseguiu deixar de considera-lo sem a sua qualidade odiosa de invasor, de intruso. O negro foi sempre a raça degenerada. O orgulho estúpido e perverso da raça dominadora, ingrata ao mourejar ininterrupto do negro que lhe criara o bem estar, a riqueza e o ócio, de mais a mais lhe calcava o peso da opressão esmagadora, numa expansão de brutal egoismo, vilificando-o, esterelizando-o, aniquilando-o.

Voltou-se então a imaginação para o indio, cuja exiguidade intellectiva, rebaixada condição e abjetos costumes não se viam e até se ignoravam. Ainda a ciencia não tinha trazido, a este pais, a verdadeira idéia do que fosse um povo selvagem. Apenas envolta nas concussas e sedutoras nevoas da lenda, lhe chegavam, através das cronicas dos jesuitas, a historia das perseguições movidas pelos colonos contra os miseros indios apresados e a crua desesperança que obrigava os poucos escapos a fugirem diante da pata do cavallo de Atila e a embrenharem-se no ádito das florestas sombrias e impenetraveis.

Acrescentai a isso o prestigio que derrama o tempo, o passado irrevogavel, e comprehendereis a exaltação romantica do indianismo.

Quem estudar a literatura brasileira ha de notar, com F. Wolf, que, no começo do século XVIII repontam os primeiros rebentos do que ele chama, com todo fundamento, "um fator poderoso no desenvolvimento da literatura brasileira": — o interesse pelas particularidades da natureza indigena. Então ainda não era isso uma transudação do sentir intimo do povo, mas uma simples cor local sem graves pretensões. Depois as forças se foram a-

cumulando, a intenção se foi acentuando, até rebentar a esplendida eclosão do indianismo. Como não descobrir, nesse fato altamente significativo, um indício da reação do meio cósmico sobre o povo brasileiro, um germinar da consciencia nacional extremunhada pelo sangue selvagem?

Desse ponto devemos partir para descobrir a filiação historica do nativismo brasileiro, que, na sua combinação com o romantismo, produziu o mais alevantado esforço de originalidade nossa, como também datam dele todas as outras que foram tentadas por nossos poetas e romancistas.

É assim, parece-me, que deve ser compreendida essa escola sem grande afinidade com Fenimore Cooper e tão distanciada do que escreveu Chateaubriand deslumbrado por uma natureza virgem e grandiosa.

Foi o estremunhar do sentimento nacional, da consciencia brasileira, manifestando-se de um modo indisciplinado, porém natural, filho das condições sociologicas, da mentalidade brasileira de então, penso. Foi o primeiro passo da estética brasileira procurando o seu tipo especial e proprio.

Não importa que se tivesse transviado.

Foi o estudo da historia que, trazendo á baila emoções novas e verdadeiras, deu origem á escola literaria a que foi dado o nome de romantica. Será preciso dizer que o Brasil ainda não teve quem lhe escrevesse a historia? Dai o ser natural o desvio da estética brasileira.

A reabilitação postuma do selvagem foi, em conclusão, um esforço impotente originado por uma compreensão má do nacionalismo em literatura, concedo. Significou um empreendimento bom em seu intuito — emancipação do espirito nacional, — que se esgarrou em sua execução pelo desconhecimento de nossas origens étnicas.

Não vemos que mereça os baldões que se tenha asacado (23).

Gonçaves Dias, em cujos versos ha belezas que tolo

seria escurecer, o doce e ameno poeta que o conego Pigneiro chama "fino e delicado colorista", fez sua reputação com as poesias americanas. Elas estão entre as criações desse poeta que não se atufaram no esquecimento. Se hoje ninguém lê a "Confederação dos Tamoios", de Magalhães, se já quase esquecemos que um dia Alencar escreveu um romance com o nome de "Ubirajara", certo ninguém deslembra o "Guarani" e a "Iracema".

Não haverá aí uma prova irrefragável que o indianismo traduziu um sentimento de que se achava possuído o nosso povo? E não bastará isto para salvá-lo dos exorcismos da crítica?

Antes de completamente consolidados e unificados, os elementos constitutivos do caráter nacional, o indianismo era a única originalidade possível ao sentimento brasileiro, era o único contingente próprio, seu, com que concorrer para alargamento da órbita da poesia.

Assim considerado, ele é natural. Cumpriu sua missão histórica, e, afinal, quando lhe faltou o terreno foi relegado do romance e da poesia sem dor e sem pesar.

Passada a efervescência indianista, reconhecido mal o caminho que levava a arte, os nossos melhores talentos abandonaram a rota batida, empenharam-se em novas tentativas para descobrir o veio do nosso romance genuinamente nacional.

O caráter do brasileiro ainda não estava como ainda não está definitivamente constituído. Vê-se, pois, que embaraços e dificuldades tinham de superar os artistas nacionais antes que encontrassem o tipo a ser traduzido. Daí as evocações das tradições populares mais recentes, como o "Cabeleira", etc., daí a idealização mais que muito romantizada do habitante a meio bárbaro do interior de nossas províncias, como no "Sertanejo, Gaucho", etc., daí o desenho dessa vida artificial e fútil da corte, como na maior parte dos romances de Macedo e em alguns de Alencar e Machado de Assis.

É nesse pé que ainda está hoje o nosso romance. Está procurando sua nota original. Nesse caminho, o primeiro passo dado foi o indianismo. Merece por isso maior acatamento, embora esteja reconhecido como tentativa falha.

Continuam nesse movimento os que como Bernardo Guimarães e Távora tentaram compreender outras manifestações da vida mental e emocional do povo.

Na poesia, Melo Marais Filho é o representante dessa corrente.

O romance naturalista e a poesia parnasiana nos guiam para outro norte, mas, naturalista ou parnasiano o artista ha de sempre dar ás suas produções o cunho de seu meio e de sua raça.

Agora lancemos um olhar sobre o conjunto da literatura brasileira.

Quem quer que a contemple, com intenção de apañhar-lhe a nota saliente, a feição característica, é preciso ser dotado de um forte daltonismo intelectual para não ver uma certa lassidão, um tom de desalento, de tristeza, um ar pesado a indicar uma raça fraca, sempre vencida na luta com as condições cósmicas, degenerada e inconsistente.

Não temos esses lampejos vividos de espiritos, essa vivacidade palpitante a trair uma existencia alegre e cheia, um carater igual e vigoroso; não temos a fina ironia que se empana sobre o tenue véu de uma doce melancolia, nem a forma do desdem, do motejo, do escarneo que se enroupa no "humour" de Sterne, Dickens e Thackeray; não temos as revoltas da indignação que a opressão dos governos e a corrupção dos costumes atea nos animos viris, nos caracteres rigidos. Nada disso.

O nosso teatro é nulo, "a vis comica" não existe (24).

Em toda a literatura brasileira ha apenas dois come-

diografos acima do estalão comum — Antonio José e Luiz Carlos Martins Pena.

Satirico de valor só conheço o grande Gregorio de Matos. Os mais não conseguiram colocar-se a uma altura donde pudessem ser vistos ao longe. Somos imaginosos, e amamos deixar a alma embalar-se numa doce "reverie" melancolica e triste. Os artistas traduzem esse sentimento ingenito numa linguagem que se arrasta lenta, preguiçosa, sob o peso dos atavios e dos ouropéis, em um estilo que se enreda em divagações, em tropos, em rendilhados e filigranas.

Assim é que de todos os generos é o lirico o mais amado por nós. Nele temos tido verdadeiros triunfos. De todos os elementos que entram na confecção das peças literarias, é o estilo que nos merece maiores desvelos. E, apesar do vezo difficilmente extirpavel da imitação estrangeira, temos conseguido criar, nesse dominio alguma coisa que se não parece com o que nos vem de fora.

É, já alguma coisa, mas não é tudo. Nossa ambição nos deve levar mais longe. Mas esse pouco foi, em sua maxima parte, um resultado da zimose romantica, auxiliada, é certo, por movimentos vigorosos, como o da escola mineira.

O leitor brasileiro, em geral, precisa de estimulantes para animar-se a percorrer as paginas mudas de um livro. Seu espirito só se deixa levar pelas exterioridades, não querendo dar-se ao incomodo de penetrar nointimo das coisas, sem estar cativado pela ação inebriante de um marulhar sonoro de frases cantantes. A escabrosidade do caminho lhe impede de ir até a "substantifique mouelle" de que fala Rabelais na vida de "Gargantua e Pantagruel".

A plastica literaria é o que nos seduz.

Pode ser que andemos errados, pois que a forma, a divina forma, como dizia Goethe, não é tudo, mesmo numa obra darte, mas, somos, constituídos assim, e não

ha remedio senão irmos arrastando nossa "psiquê" tal como no-la arranjaram os fatores primeiros de sua existência.

Taine, o mestre, em seus "Essais de critique et d'histoire", já escreveu umas frases que são a nossa absolvição.

"Os pensamentos, disse ele, são como os homens: para que agradem é mister que se mostrem bem vestidos; e o livro faz valer o autor". Mas, desde que essa preocupação se torna exclusiva, quando a roupa se esforça por valer mais que o dono, o bom gosto desaparece.

Apesar, porém, desse vicio radical, desse pecado original, já hoje um largo sopro de renovação encoraja os espiritos, preocupações mais sérias nos tomam a atividade, as especialidades científicas despontam. Inaugura-se uma era nova.

Que os que trabalham e estudam façam convergir todas as suas forças para esse ponto.

NOTAS:

(1) — Este escrito, publicado no segundo fascículo das "Vigilias Literárias" em 1882, pretendia ser a base de outro mais largamente explanado que o autor se comprometia empreender na primeira oportunidade. Era uma síntese promissora de uma análise futura. Ainda hoje, porém, a publicação é feita como em 1882, excetuados alguns acréscimos e certas modificações do modo de dizer e no modo de pensar, que não mudam a feição nem o alcance do estudo das "Vigilias" apenas vai agora desterrada a promessa de ser retocado o quadro. É que êle fique tal como foi concebido e traçado em 1882, porém acomodado ás leituras posteriores do autor.

(2) — Silvio Romero, "Historia da Literatura Brasileira". Rio de Janeiro, 1888, vol. II, pag 689.

(3) — "Apud" Setembrini, "Lezioni di litteratura italiana, Napoli, 1881, vol III, pag. 365.

(4) — Teófilo Braga, "História do Romantismo em Portugal", pag. 85 — "Porque chegou tarde o romantismo em Portugal".

(5) — Zola, "Les romanciers naturalistes", Paris, 18881, pag. 73.

(6) — Seus fastos vêm relatados, com entusiasmo e vigor, na poesia científica (Recife-1883) de Martins Junior.

(7) — Ernest Dupuy, Les grands maltres de la literature russe au XIX siécie, Paris, 1885 — pag. 23.

(8) — Hevelaque — Les debuts de Thumanité — Paris, 1881.

(9) — Sôbre essas duas ultimas provincias, consulte-se José Verissimo em suas "Cenas da vida Amazônica", e, sôbre o Ceará, os escritos de Araripe Junior e os estudos históricos de Joaquim Catunda.

(10) — Bagehot — "Lois scienrifique du développement des nations", pag. 180.

(11) — Em quatro escritos (A filosofia positiva no Brasil, 1884, pag. 65 e seguintes) procurei adicionar as razões étnicas e cósmicas de nosso atraso mental, as razões econômicas que depois de Bluckie não podem ser desprezadas. Concluia então e mantenho o mesmo pensar: "As condições étnicas e cosmicas fazem com que nós só possamos valer alguma coisa pela pujança de nossa lirica: as condições econômicas mal nos permitem êsse respiradouro. E assim explico a mim mesmo nossa quase nulidade no dominio exclusivamente científico.

(12) — Setembrini, op. cit., vol. I, pag. 19.

(13) — Veja-se a "Historia da Literatura Brasileira", por Silvio Romero, vol. I, cap. VIII.

(14) — Ele mesmo nos prologos do "Antonio José", "Oligiato", etc, confessa, de um certo modo a indecisão em que laborava seu espirito.

(15) — Gonçalves Dias, "Cantos", Leipzig, 1865, tom. II, pag. 80: carta do dr. Alexandre Teófilo de Carvalho Leal.

(16) — R. A. da Rocha Lima "Critica e Literatura". Maranhão, 1875, pag. 160.

(17) — T. A. Araripe Junior, "José de Alencar" (Perfil Literário). Rio de Janeiro, primeira edição, pag. 9.

(18) — Theodore Wechniakoff, "Introduction aux recherches sur Economie des travaux scientifique en esthetiques".

Paris, 1880, pág. 48:

(19) — Zola, "Les romanciers naturalistes", pág. 365.

(20) — "Literatura Brasileira", cit., vol. II, pag. 930.

(21) — No vol. III do "Escapelo", pequeno repositório de estudos criticos, politicos, literarios e de costumes redigidos, em 1881, por mim e Martins Junior, consagrei um ligeiro esboço critico a Antonio de Castro Alves (1847-1871): e, na "Tribuna", publiquei, no ano seguinte, uma apreciação dos "Dias e Noites" do dr. Tobias Barreto de Menezes.

(22) — Littré, "Les Barbares et le Moyen age", passim.

(23) — Neste ponto acho-me em desacordo com os criticos para quem a fórmula do "Indianismo" foi considerada não só estreita, como a do "sertanegismo" e do matutismo, mais ainda ridicula, (entre outros, Artur Orlando, "Filocritica", pag. 83). Vejo as coisas por outra forma. G. Dias e Alencar jamais pensaram em fazer do indianismo a literatura brasileira; apenas viram que havia nêse fato um rico minério que era nosso e que merecia ser cultivado. Se essa idéia, ás vezes se obscureceu no entusiasmo da propaganda, hoje pode ser perfeitamente, restabelecida. Principalmente Alencar não se esqueceu de contemplar o elemento negro ("Mãe, Demonio Familiar"),

nem o elemento mestiço ("Sertanejo"), nem o elemento português a par do índio, e do mestiço ("Guarani", "Minas de Prata", "Garatuja", etc.) Não houve obsessão nem exclusivismo, é claro.

(24) — Tentativas é o que tem havido. Magalhães deu o primeiro passo com a tragedia. Depois dêle todos os nossos literatos tiveram certas velocidades de se ostentar a luz da ribalta, tiveram o plurido do drama. Essa febre afinal passou. Não foi grande mal êsse, porque as atividades buscaram outra aplicação e hoje o drama vai se tornando incapaz de satisfazer ás exigencias mentais de nossa idade, por não poder traduzir as multiplas complicações da agitada vida moderna. Por essa razão quase todas as disposições para o teatro que contava a geração atual se tem retraído ao silencio, como aconteceu a Domingos Olimpio e muitos outros.

(*) Este é, sem duvida alguma, o trabalho de critica literaria mais importante de Clovis Bevilacqua. Foi publicado primeiramente. em 1882, no 2º. fasciculo das "Vigilias literarias", e, posteriormente, em "Epocas e individualidades", trabalho que teve duas edições. E' uma prova admiravel do talento critico do mestre. (N. da R.)